

TRADUZIR NA ANTIGA ROMA: FRAGMENTOS DE UMA LITERATURA RENEGADA

Brunno V. G. VIEIRA*

Resumo: Entre suas ideias sobre tradução encontradas em *De optimo genere oratorum*, Cícero aponta que é preciso traduzir Ésquines e Demóstenes como *orator* e não como *interpres*. Essa objeção pode refletir um indício de uma outra vertente de tradução, que propunha uma tradução literal, baseada mais na materialidade da língua de partida do que na transposição de seu estilo (*elocutio*). Se Cícero na teoria e na prática oferece exemplos do que é traduzir como *orator*, deixa em aberto as práticas do *interpres*. Neste trabalho, proponho rastrear alguns fragmentos esparsos de traduções do fim da República e do início do Império que testemunhem essa vertente, trazendo uma reflexão sobre a heterogeneidade das práticas tradutórias na Antiga Roma.

Palavras-Chave: Cícero; *De optimo genere oratorum*; *elocutio*; *interpres*; tradução na Antiguidade.

Abstract: Among his ideas on translation found in *De optimo genere oratorum*, Cicero points out that it is necessary to translate Aeschines and Demosthenes as *orator* and not as *interpres*. This objection may reflect an indication of another trend of translation, which proposed a literal translation, based more on the materiality of the source language than on the transposition of its style (*elocutio*). If Cicero in theory and in practice offers examples of what it means to translate as *orator*, he leaves open the practices of *interpres*. In this paper, I propose to outline some scattered fragments of translations from the end of the Republic and the beginning of the Empire that testify this perspective, bringing a reflection on the heterogeneity of translation practices in Ancient Rome.

Key-words: Cicero; *De optimo genere oratorum*; *elocutio*; *interpres*; translation in Antiquity.

* Departamento de Linguística / UNESP - Câmpus de Araraquara. E-mail: brvieira@fclar.unesp.br.

Quando leio a oposição entre *orator* e *interpres* através da qual Cícero delimita as práticas de tradução em Roma, meu olhar contemporâneo não me deixa dissociá-la das discussões em voga nos Estudos da Tradução. Não consigo fugir de contrastá-la, por exemplo, com um texto de Jorge Luis Borges, “Las dos maneras de traducir” (2007 [1926]), artigo em que o escritor argentino ensaia uma modulação estética para vertentes da tradução parafrástica (*perífrasis*) e literal (*literalidad*), procurando, além de delimitar suas características, atribuir-lhes as categorias de *clásica* e *romántica*. Essa visada de Borges, depois reapresentada em *Las versiones homéricas* (2005 [1932]), aponta que ele estava atento às ideias tradutórias que circularam no Romantismo alemão – ele cita, por exemplo, Novalis (BORGES, 2007, p. 314) –, leituras que também moveram Walter Benjamin a escrever “A tarefa do tradutor” (*Die Aufgabe des Uebersetzers*) publicado em 1923, como prefácio à sua tradução de *Tableaux Parisiens* de Baudelaire, texto polêmico e hoje fundamental nos Estudos da Tradução.¹

Tanto Borges como Benjamin estão atentos a uma dicotomia, já presente na obra de Cícero e que alimenta ainda hoje o debate sobre tradução literária. De um lado, a vertente vernacularizante, defensora de que, *grosso modo*, o texto de partida deve procurar uma identidade dentro da cultura e língua de seu tradutor ou, regressando a Cícero, de que a tradução deve se expressar “em palavras aptas ao costume nosso [da língua de chegada]” (*uerbis ad nostram consuetudinem aptis*).² Apesar de sua origem antiga, trata-se de um entendimento ainda bastante usual sobre tradução e que ainda prevalece no mercado editorial.

De outro lado, o viés literalizante, expresso pelos termos latinos *uerbum de uerbo* (“palavra por palavra”, cf. Ter. *Ad.* 11), a ponto de se fazer ecoar a sonoridade, a sintaxe e a semântica da língua de partida na língua de chegada.³ Importa dizer que essas três instâncias da expressão literal se conformam com a crítica de Jerônimo: *si ad uerbum interpretor, absurde resonant; si ob necessitatem aliquid in ordine, in sermone mutauero, ab interpretis uidebor officio recessisse*, “se traduzo literalmente próximo da palavra, elas ressoam de modo absurdo; se, por necessidade, eu mudar algo na ordem e no discurso, vai parecer que eu recaí no ofício de tradutor” (*Ep. ad Pam.* 5). Segundo se pode inferir da opinião de Jerônimo, que aplicava seletivamente algum literalismo em tradução, buscaria o tradutor manter, na medida do possível, a mais direta correspondência do texto de partida no texto de chegada, buscando preservar elementos de um

¹ Sirvo-me da tradução portuguesa de Susana Kampff Lages (cf. BENJAMIN, 2010). Todas as traduções são de minha autoria exceto quando indicada a fonte. No caso de abonações de obras da Literatura Clássica Grega e Latina, as citações e as subdivisões dos textos originais são feitas a partir dos seus exemplares encontrados no acervo em CD-ROM do PHI 5.3.

² O termo “vernáculo” é usado por Jerônimo em contexto tradutório parafraseando esta sentença de Cícero: *uernaculum linguae genus*, “o estilo vernáculo da língua” (*Ep. ad Pam.*, 5). Como abona o *Oxford Latin Dictionary*, Varrão (L. 5, 77) é o primeiro a usar o adjetivo vernáculo, cujo sentido próprio é “caseiro, doméstico”, em contexto linguístico, opondo *uernaculum* a *peregrinum* (“estrangeiro”) em se tratando de *uocabulum* (“vocabulo”).

³ Estas três instâncias concernentes à literaridade se conformam com a crítica de Jerônimo: *si ad uerbum interpretor, absurde resonant; si ob necessitatem aliquid in ordine, in sermone mutauero, ab interpretis uidebor officio recessisse*, “se traduzo literalmente próximo da palavra, elas ressoam de modo absurdo; se, por necessidade, eu mudar algo na ordem e no discurso, vai parecer que eu regredi no ofício de tradutor” (*Ep. ad Pam.* 5).

outro ambiente linguístico (som, ordem, também sentido) e cultural gerador do texto.⁴

Assim, a atitude de retomar essa dicotomia dentro dos escritos de Cícero já indicia que minha motivação para este texto provém das contemporâneas releituras desses modos de traduzir. Assumo, portanto, o anacronismo dedutivo que deu largada a esta pesquisa e, conforme apontarei no decorrer deste artigo, é possível, sim, encontrar indícios de que *mutatis mutandis* essa dicotomia está em germe já na antiga Roma, algo que Jerônimo, leitor de Cícero, admitia. Desse modo, trago à baila a heterogeneidade das práticas tradutórias romanas, investigando o conceito de *interpres* em Cícero e contextualizando sua denunciante recusa. Depois apresentarei exemplos da vertente literalizante, tentando mostrar um modo de tradução latente, mas não inexistente no contexto das práticas tradutórias da antiga Roma.

As ideias de Marco Túlio Cícero (*Marcus Tullius Cicero*, 106-43 a. C.) sobre tradução estão sintetizadas no parágrafo 14 do *De optimo genere oratorum*, um prefácio à versão latina de discursos de Ésquino e Demóstenes. Eis as linhas gerais de suas diretrizes tradutórias:

Conuerti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschini et Demostheni; nec conuerti ut interpres, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruauit. Non enim ea me annumerare lectori putauit oportere, sed tamquam appendere. (Opt. Gen., 14)

Traduzi, então, os discursos oratórios notáveis e contrários entre si de Ésquino e Demóstenes, dois dos mais eloquentes oradores dentre os áticos. E não os traduzi como um tradutor, mas como um orador, usando os mesmos argumentos, tanto nas suas formas quanto nas figuras de linguagem, em palavras adequadas à nossa cultura. Para tanto, não considerei necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o estilo das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las.⁵

Quando Cícero propõe que se deve traduzir como *orator*, notamos que essa decisão parece estar ligada a uma manutenção do *genus*, “gênero”, e a *uis*, “força expressiva”⁶ do texto de partida no texto de chegada. O foco, então, está na manutenção de uma equiparável *elocutio*, “elocução” entre os dois textos, o que é expresso conceitualmente pelo verbo *appendere*, “pesar”, ou seja, a tradução deve fornecer o mesmo “peso” ou “valor” absoluto de uma língua na outra.⁷ Isto é tradução para Cícero.

Diante do que fica, se não implícito, pouco desenvolvido, a vertente do *interpres*, “tradutor”, – a outra vertente possível, ou para usar uma asserção cara

⁴ A possibilidade dessa perspectiva literalizante na tradução romana foi-me sugerida pela leitura da obra de Possanza, *Translating the heavens* (2004), importante predecessor de algumas ideias/referências clássicas aqui apresentadas. Furlan (2010, p. 84) também reconhece a possibilidade dessa heterogeneidade de pensamento tradutório em Roma.

⁵ A tradução integral foi recentemente publicada (cf. CÍCERO, 2011).

⁶ Esta interpretação “semiótica” do vocábulo *uis* foi-me inspirada por PRADO (1997, p. 164, n. 252).

⁷ Cic. *Fin.* 2. 13: *et quidem saepe quaerimus uerbum Latinum par Graeco et quod idem ualeat*, “também frequentemente procuramos uma palavra latina parelha à grega e que lhe equivalesse”.

à teoria da tradução “a outra maneira de traduzir” – não se prendia a essa formulação. Na sua exposição, Cícero enfatiza o fato de ela se basear na correspondência *uerbum pro uerbo*, “palavra por palavra”, procurando *ennumerare*, “contar”, ou seja, a tradução assim concebida forneceria o mesmo número de palavras de uma língua na outra, ou seja, como interpreto, daria relevo à materialidade da correspondência entre os *uerba* das línguas em questão mais que à manutenção de uma equivalência de estilo.

Uma definição das várias nuances do termo *interpres* na obra ciceroniana já foi feita por mim alhures (VIEIRA, 2006, p. 23-4; 27-8), interessa-me aqui a acepção de *interpres* que era atribuída ao ofício da tradução direta em que uma palavra é resolvida em outra. Assim, quando Cícero traduz pontualmente a palavra grega *νόθη* pela latina *morbos* (*Fin.* 3. 35), ele se refere a essa ação com o verbo *interpretari*. Em outra passagem, agora no *De legibus*, falando sobre Platão, ele diz *sententias interpretari perfacile est*, “traduzir diretamente ideias é muito fácil”, e revela porque lhe interessa ser mais do que um mero tradutor (*interpres*): *quod quidem ego facerem, nisi plane esse uellem meus*, “pois eu de fato poderia fazer isso, se não quisesse algo que fosse claramente meu”.

Há indícios nesses exemplos de que, segundo Cícero, a atividade de um *interpres* não está relacionada à autoria/autoridade (*auctoritas*) do orador, que não poderia ter uma relação “natural” ou “imediate” (por imitação direta ou decalque) da palavra estrangeira, o que seria um erro, “estrangeirismo” (*uerecunde utamur alienis*, *Opt. Gen.*, 4, “utilizemos com parcimônia os termos impróprios”, isto é, **estranhos**). Tudo o que o orador diz (rememorando seu texto escrito) ou traduz não pode ser concebido fora da categoria do *genus* (“estilo”) e do *decorum* (“conveniência”) pré-determinados pelo código retórico que determinava o que deveria permanecer escrito ou apagado como algo errado. Para o arpinate, a função do *interpres*, aquele que atua entre duas línguas (a especulação de que o termo deriva de *inter partes*, embora por vezes evocada, carece de exatidão), era indigna. Ela estava longe da Arte Retórica, já que a função do *interpres* era natural, imediata e num modo de dizer menosprezado. O adjetivo *indisertus*, que Cícero atribui ao *interpres*, “sem eloquência”, revela esse entendimento: *nec tamen exprimi uerbum e uerbo necesse erit, ut interpretes indiserti solent*, “porém não será necessário que isso seja expresso palavra por palavra, como os tradutores sem eloquência costumam fazer” (*Fin.*, 3, 15).

Assim, na visão de Cícero, “traduzir como *orator*” significa “traduzir retoricamente”, ou seja, de modo literário, artístico, a fim de atrair os leitores que sabiam grego:

Quid enim causae est cur poetas Latinos Graecis litteris eruditi legant, philosophos non legant? an quia delectat Ennius Pacuuius Accius multi alii, qui non uerba sed vim Graecorum expresserunt poetarum /quanto magis philosophi delectabunt, si ut illi Aeschylum Sophoclem Euripidem sic hi Platonem imitentur Aristotelem Theophrastum. (Ac., I, 10)

Por que motivo os instruídos em Letras Gregas leem os poetas latinos, não os filósofos? Porque Ênio agrada, assim como Pacúvio, Ácio e muitos outros, que *não expressaram as palavras dos poetas gregos, mas a força expressiva*, quanto mais os filósofos agradarão, se aqueles imitam Ésquilo, Sófocles, Eurípides, assim estes a Platão, Aristóteles e Teofrasto.

Traduzir como *interpretes*, nesse sentido, apenas teria valia para os desconhecedores do grego. Se se considerar verdadeiro que os leitores romanos – os cidadãos bem-educados – tinham condição de ler em grego, mesmo que instrumentalmente, o ofício do *interpretes* não poderia merecer um reconhecimento literário. Diante disso pergunto: não poderia a condenação do *interpretes* feita por Cícero ser compreendida a partir de uma eleição estética do que fosse bom gosto e boa literatura? Mais ou menos como reflete Jorge Luis Borges quando diz, em *Las versiones homéricas*, que “la traducción...parece destinada a ilustrar la discusión estética” (2005, p. 252)?

Entrever, portanto, a vertente tradutória do *interpretes* e vislumbrar algo de sua especificidade são ações que demandam uma busca por fragmentos de uma literatura renegada. Se nos chegaram algumas poucas traduções latinas de autores gregos, tanto mais rara e palimpséstica foi a superveniência de traduções não admitidas dentro do rol de obras literárias, como essas sob a égide da literalidade.

Tratarei, a seguir, de um caso desses tradutores fragmentários e de uma avaliação do primeiro verso da *Odusia* de Lívio Andronico em contraste com a versão de Horácio, fazendo um breve preâmbulo a partir da *Carta a Pamáquio* de Jerônimo, importante para a continuidade do pensamento sobre a representação da alteridade em tradução na Antiguidade.

A Carta a Pamáquio (*Ep.* 57) é uma defesa de Jerônimo (*Eusebius Sophronius Hieronymus*, 347-419 d. C., cf. MORENO, 2007) como tradutor. A polêmica que o levou a escrevê-la interessa menos aqui do que o registro da pujança dos saberes de Cícero sobre o tema da tradução, que chegara forte ao ano de 395, ano da missiva. Pujança que se resignificava pouco e pouco no novo contexto cristão:

Ego enim non solum fateor, sed libera voce profiteor, me in interpretatione Graecorum, absque Scripturis sanctis, ubi et verborum ordo mysterium est, non verbum e verbo, sed sensum exprimere de sensu. Habeoque huius rei magistrum Tullium, qui Protagoram Platonis, et Oeconomicon Xenophontis et Aeschinis ac Demosthenis duas contra se orationes pulcherrimas transtulit. Quanta in illis praetermiserit, quanta addiderit, quanta mutaverit, ut proprietates alterius linguae, suis proprietatibus explicaret, non est huius temporis dicere. (Hier., Ep., 57, 5)

Eu, pois, não só confesso, mas professo a viva voz que - na tradução dos gregos - exceto nas Sagradas Escrituras, quando também das palavras a ordem é um mistério -, exprimi não palavra por palavra, mas sentido de sentido. E tenho Túlio como mestre deste assunto, ele que o *Protágoras* de Platão, o *Econômico* de Xenofonte e os dois belíssimos discursos contrários entre si de Ésquino e Demóstenes traduziu. Não é este o momento de dizer quantas coisas omitisse nelas, quantas adicionasse, e quantas transformasse, para desdobrar as qualidades da língua do outro nas qualidades da sua própria.

Para justificar-se como intérprete, o tradutor da *Vulgata* cita Cícero que tem por autoridade no assunto (*huius rei magistrum*). Mesmo com omissões, adições e alterações que o arpinate inseria voluntariamente à sua tradução dos discursos de Ésquino e Demóstenes - neste que parece ser o último testemunho de quem leu na íntegra o que nos restou apenas como introdução no *De optimo genere*

oratorum (CÍCERO, 2011) -, Jerônimo relata seguir o seu modo de traduzir que julga o correto. E ainda acrescenta poucas linhas depois: *Quam vos veritatem interpretationis, hanc eruditi κακοζηλίαν nuncupant*. "O que chamam de fidedignidade da tradução, os sábios a tratam de má-emulação (*kakozelían*)".

A transformação do pensamento tradutório vem, contudo, no bojo de sua reafirmação. Realmente os críticos de Labeão, intérprete literalizante de que trataremos na sequência, citam o *sensum de sensu* de Jerônimo, claramente ciceroniano, para marcar sua estranheza. Mas o que resta novo em Jerônimo, e divergente de Cícero, é seu reconhecimento de que, no tocante às *Sagradas Escrituras*, tradução que o fez célebre, ele vertia de modo distinto.

Há uma potência no texto bíblico, algo divino ou uma revelação, que não deve ser adulterada ou que não se pode omitir, adicionar, transformar. Essa potência é denominada ela própria por um decalque grego em transliteração latina: *mysterium* (μυστήριον). Na definição de Lewis & Short, que considera o uso eclesiástico do vocábulo, abonando-o com Jerônimo, *mysterium* significa "algo que transcende a mera inteligência humana". E neste caso a *humanitas* de Cícero não é suficiente. A língua una, pré-babélica, tão cara a Meschonnic (*langue une*, 1985, p. 9-13), a pura língua ou linguagem de Benjamin (*die reine Sprache*, p. 213, trad. Kampff Lages), os anagramas de Saussure (cf. STAROBINSKI, 1974), a força cantante de Valéry (*force chantante*, 1999, p. 20, trad. Carvalho), são, a meu ver, algumas tentativas de expressar esse *mysterium*.

Jerônimo destaca a ordem das palavras como exercício de um mistério, mas convém recordar que os nomes próprios hebraicos da *Vulgata* também não são sujeitados à declinação latina. Aliás, como já ocorria na tradição grega, em muitos momentos o vocábulo original surge como algo intransponível e, por isso, transliterado segundo a pronúncia hebraica que Jerônimo julgava correta. Esta vertente misteriosa, identificável àquela do *interpretes*, teria por desígnio místico ou poético, como o interpretamos aqui, perseguir a palavra (*uerbum*) estrangeira do texto de partida no texto de chegada, lidando com elementos que causariam defeitos retóricos (ou uma outra retórica?) no ambiente receptor pela pretensão de deslocar em sua mediação a excentricidade alheia de alguma forma.

Átio Labeão (*Attius Labeo*), o mais famoso *interpretes* da Antiguidade, é citado por Pérsio (I, 4), sendo considerado um poeta do séc. I d. C.⁸ Em um escólio ao menos, há referência a Fulgêncio como fonte do único verso restante de Labeão, o que data a transcrição entre os séculos V e VI da nossa era (COURTNEY, 2003, p. 350). Apresento o poeta e sua tradução a partir do escólio medieval apresentado por Elder (1947, p. 244):

Labeo poeta fuit quem indigne laudabant Romani, qui transtulit Iliaden, id est subversionem Troiae, et Odisian, id est errorem Ulixis, de Graeco in Latinum, non sensum de sensu sed uerbum de uerbo, satis ridiculose; potius enim uerba secutus est quam sensum. Cuius uersus est talis:

crudum manduces Priamum, Priamique pisinnos

Non habet enim ullum sensum. Inuehit, id est transportat se ad aliquem poetam laudis cupidum dicens.

⁸ Desde Plessis (1885, p. XXVIII) até Courtney (2003, p. 350) paira a dúvida sobre a autenticidade dessa tradução, mas, nos limites deste artigo, mesmo que ela seja tardia e uma invenção de Fulgêncio, isso não diminui seu valor histórico.

Labeão foi um poeta que indignamente os Romanos louvavam. Ele traduziu a *Ilíada*, isto é, a queda de Tróia, e a *Odisseia*, isto é, a viagem de Ulisses, do grego ao latim, não sentido por sentido, mas palavra por palavra, de modo bastante risível. Ele pois seguiu mais as palavras que o sentido. O seu verso é este:

crudum manduces Priamum, Priamique pisinnos

Não tem, pois, sentido algum. Ele arrasta, isto é, transpõe, dizendo que ele é desejoso de louvor junto de algum poeta.

A tradução de Labeão soa como um decalque do original e mantém as mesmas palavras na mesma ordem, com literalíssimos jogos aliterantes. Eis o verso de Homero (*Il.* 4, 35) e sua versão latina:

ὤμὸν βεβρώθοις Πριάμον Πριάμοιό τε παῖδας
comerias cru Príamo e aos filhos de Príamo

crudum manduces Priamum, Priamique pisinnos
cru comerias Príamo e de Príamo os putos

A crítica do escoliasta, que notoriamente lê as formulações de Cícero via Jerônimo (cf. *sensum de sensu, Ep. ad Pam., 5*)⁹, pauta-se em dois aspectos o "risível" e a "falta de sentido" resultante de uma tradução literal. Quanto ao primeiro argumento, *satis ridiculose* deve ser entendido pela falta de preservação do *genus* pelo uso dos termos baixos *manduces* (Lucílio, 456) e *pisinnos* (cf. Mart., *Ep.* 11.72¹⁰; *CIL*, VI, 2662, traduzo-o por puto, aproveitando o termo familiar dado à "criança" entre os lusos e que entre nós é um tanto baixo).

O segundo argumento não procede, pois o próprio fato de se encontrar em Homero o verso traduzido indica que ele faz sentido. Se é verdade que esses versos soam estranhos, eles, contudo, são um testemunho extremo dos limites do *enumerare* e do *uerbum pro uerbo*: *crudum* traduz o sentido próprio de ὤμὸν; *manduces* é motivado para reelaborar a repetição de /b/ em βεβρώθοις na aliteração em /d/ (*cruDum manDuces*); *pisinnos* tem lugar para verter a assonância em /i/ e a aliteração em /p/ que ecoa em Πριάμον Πριάμοιό τε παῖδας.

Só para se ter uma ideia da distância que essa tradução de um *interpres* está daquelas de Cícero, o tradutor-orador¹¹, cito um de seus versos de Homero (*Il.* 9, 236):

Ζεὺς δέ σφι Κρονίδης ἐνδέξια σήματα φαίνων ἀστράπτει:
Zeus Cronida, tendo sinais favoráveis (à direita), mostrado-lhes, relampeja

Prospera Iuppiter his dextris fulgoribus edit
Com raios destros, Júpiter divulga o próspero

⁹. Apesar de Jerônimo, ao menos a partir de Berman (1985, p. 37), ter sido citado como ancestral formulador da prática do literalismo em tradução, suas ideias tradutórias, em muitos momentos, identificam-se com aquelas de Cícero, com as quais trabalhamos neste capítulo. Ora, Fulgêncio, o nosso escoliasta, parece considerar como legítima unicamente a tradução do tipo *appendere*.

¹⁰. Abonado por FORCELLINI (1828).

¹¹. Possanza, ao comparar trechos de Varrão e Cícero traduzindo Arato chega à conclusão que no geral o primeiro *interpres* é mais próximo que o *orator* em relação à letra e ao espírito do texto fonte (2004, p. 44). O cotejo da tradução de Varrão para Arato ainda está por se fazer em português.

É inegável que se trata de uma tradução, já que podemos reconhecer a correspondência de sentido entre esses versos, esperada também por seu autor. É possível ver, contudo, a relativa liberdade com que Cícero trabalha na omissão de termos (como Κρονίδης, retrabalhado no epíteto composto *Iou-* + *pater* subjacente a Júpiter), na reelaboração de metáforas - *fulgoribus* ("raios") / σήματα ("sinais"); *edit* (ligado a *dare*) / φαίνων ("brilhar") - e na ordem das ideias (*prospera* ganha o relevo da primeira posição no verso em detrimento do próprio Zeus).

Alguns dos procedimentos de Labeão podem ser encontrados em uma das mais famosas traduções latinas de Homero, como aquela de Lívio Andronico. Ora, já na primeira tradução homérica da segunda metade do séc. III a. C., podemos encontrar traços de procedimentos do *uerbum pro uerbo*. Embora na sua totalidade Lívio Andronico não seja um *interpres*, a tradução do primeiro hexâmetro de sua *Odusia* pode nos fornecer indícios de práticas literalizantes. As cinco primeiras palavras de Homero, que formam o primeiro saturnino da *Odusia*, aparecem quase totalmente na mesma ordem em latim com uma preocupação estreita relativamente à correspondência entre palavras. Vemos neste primeiro verso, então, a evidência do *ennumerare* sobre o *appendere*, o que foi identificado depois por Cícero como pressuposto ao *interpres*. Cito:

ἄνδρα μοι ἔννεπε, μοῦσα, πολύτροπον
O varão, narra-me, ó musa, astucioso

Virum mihi, Camena, insece versutum.
O varão a mim, Camena, narra versado

Vê-se, portanto, o mesmo número de palavras com uma única inversão de posição: ἔννεπε, μοῦσα/*Camena, insece*¹². Fala-se muito da infidelidade de se tratar a μοῦσα helênica pela divindade romana *Camena*, mas tais palavras compartilham o caso vocativo e mesmo a sonoridade pelo uso comum dos fonemas /m/ e /a/. O procedimento de atribuir identidade nacional ao panteão grego, aliás, foi tomado como regra pela cultura romana, no caso específico de μοῦσα, o termo foi incorporado ao vocabulário latino por Ênio, em que pese nisso sua acomodação dentro de um hexâmetro datílico em seus *Annales*.

Em relação a esse início da *Odisseia*, uma oposição a essa prática literalizante de Andronico pode ser identificada na tradução que Horácio faz dos três primeiros versos homéricos na sua *Ars Poetica*. Na prática do venusino fica clara sua tendência ao *appendere*:

ἄνδρα μοι ἔννεπε, μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ
πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσεν:
πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόμον¹³ ἔγνω,

O varão, narra-me, ó musa, multi-astucioso que muito demasiadamente peregrinou, depois que saqueou a cidadela sagrada de Troia; viu e reconheceu cidades de muitos homens e o costume.

¹². Nesse contexto de literalidade convém lembrar que esse primeiro verso de Andronico vem citado por Aulo Gélío em um capítulo de suas *Noctes Atticae*, em que ele trata da propriedade etimológica da tradução de ἔννεπε por *insece* (cf. 18, 9).

¹³. Rostagni (ORAZIO, 1930) adverte *ad loc.* que Horácio segue nesse trecho a lição de Zenodoto, preferindo νόμον (o costume) ao invés de νόον (o espírito) presente na maior parte dos manuscritos.

O homem multiversátil, Musa, canta, as muitas
errâncias, destruída Troia, pólis sacra,
as muitas urbes que mirou e mentes de homens. (Trad. Trajano Vieira)

*Dic mihi, Musa, uirum, captae post tempora*¹⁴ *Troiae*
qui mores hominum multorum uidit et urbes. (A. P., 141-2)

Diz-me, ó Musa, o varão, que, após vencida Troia, de muitos homens viu
costumes e cidades.

Note-se que, apesar de ter incorporado Musa, Horácio despreza, seguindo a Romanitas de Cícero, não só o *uerbum pro uerbo*, mas a ordem das palavras. Sua escolha pelo *appendere* parece enfatizar o sentido geral da passagem homérica, reformulando particularidades de sentido. O próprio epíteto πολύτροπον, e a oração relativa a ele relacionada ὅς μάλα πολλὰ/ πλάγχθη, são omitidos, o que nos faz pensar que o tradutor os interpreta expressos em *qui mores hominum multorum uidit et urbes*, ou seja, há uma potencial carga emulativa (*aemulari*) nessa tradução. As omissões e reformulações apresentadas por Horácio dão testemunho de que ele também aderiria aos preceitos tradutórios, tais como vistos em Cícero, o que fica ainda mais contundente no famoso trecho de sua *Ars Poetica* (131-4) em que, tratando da imitação dos modelos comuns (*publica... materies*), repudia a tradução do *interpres* (nec uerbo uerbum curabis reddere fidus/interpres, "nem transpuseres termo a termo como intérprete/fiel"), aludindo a Cícero no essencial *uerbum pro uerbo... reddere* (*Opt. Gen.*, 14).

É importante que se diga, porque essa passagem é polêmica: ideia de fidelidade para Horácio, expressa em *fidus interpres*, pode até não ser identificada com a ideia, persistente até os dias de hoje, de fidelidade em tradução. Bettini (2012, p. 106-112), construindo uma interpretação jurídico-econômica do excerto, entende que Horácio não tratava nesse trecho especificamente de fidelidade à letra, mas de uma espécie de honestidade que se espera do *interpres*, "intérprete":

Digamos também que a expressão *fidus interpres*, em nosso sentido de tradutor fiel ao texto, nunca ocorre em Latim. A tradição romana nos informa da existência de *interpres* que se define como *fidus*: mas nunca são tradutores fiéis ao texto, mas intermediários que inspiram confiança nas partes em questões de natureza política ou diplomática.¹⁵

Apesar de Horácio não seguir à letra do texto de Homero, ele pode não estar falando exatamente de sua prática, quando recomenda ao(s) seu(s) leitor(es) não fazerem como um intérprete confiável. Ora, convenhamos, é muito difícil pensar

¹⁴. Convém notar que a ideia de tradução subjacente ao texto levou Rotagni rejeitar a lição *captae post moenia Troiae* citada pelo pseudo-Ausonius (*Periocha Odysssiae*) porque ela lhe parece "literal demais". Vale a pena transcrevê-lo (1930, p.44): *La traduzione non è letterale: è riassuntiva, per meglio dare l'idea del poco e del tenue contenuto nelle promesse omeriche; più ampiamente è reso il testo in Epist., I, 2, 19 sgg. [Perciò anche mi pare, in ogni caso, inopportuno voler sostituire al generico tempora Troiae (su cui cfr. Carm. I, 28, 11 sgg.) la variante, pur attestata in Ps.-Ausonio, p. 392 P., e adottata da parecchi edd., moenia Troiae, che darebbe una specifica corrispondenza col πολίεθρον dell'originale]*.

¹⁵. Diciamo pure che l'espressione *fidus interpres*, nel senso nostro del traduttore fedele al testo, in latino non ricorre mai. La tradizione romana ci informa sí dell'esistenza di qualche *interpres* che viene definito *fidus*: ma non si tratta mai di traduttori fedeli al testo, bensí di intermediari che ispirano fiducia alle parti in questioni di carattere politico o diplomatico.

que a alegoria ou metáfora do tradutor fiel, para falar do imitador imperito e interessado em tomar posse de um dado tema literário, não esteja ligada também a uma concepção de prática tradutória, e há uma longa tradição de leitura do texto de Horácio que assinala isso. A própria ideia de tradução fiel como algo recriminável ou correto (que se registre o paradoxo!) tem usado esses versos 133-134 como abonação (BORGES, 2017, p. 78-84). No caso de Jerônimo, ele interpretará Horácio¹⁶ negativamente: *Sed et Horatius vir acutus et doctus, hoc idem in Arte Poetica erudito interpreti praecipit: Nec verbum verbo curabis reddere, fidus/Interpres*. "Também Horácio, varão perspicaz e douto, preceituou isso mesmo na *Arte Poética*, ao sábio tradutor: "que não transponhas termo a termo como intérprete/fiel".

Bem, tudo isso salta aos olhos quando comparamos a tradução de Lívio Andronico e a do venusino do primeiro verso da *Odisseia*.¹⁷

Esses exemplos de *interpretes* que procurei apontar aqui sinalizam o quanto a tradução em Roma era potencialmente diversa e heterogênea. Apenas no campo das traduções de Homero, ainda cabe um atento levantamento e análise de tradutores fragmentários como Varrão Atacino, Cneu Matius e Nínio Crasso, além do estudo da *Ilias latina* e das *Periochae* do Pseudo-Ausônio sob viés tradutológico. Embora a vertente ciceroniana tenha sido dominante e tenha afirmado inclusive através de São Jerônimo que era impossível traduzir Homero palavra por palavra (*Ad Pammacium*, 5), tentei mostrar neste artigo que essa versão da História da Tradução é unilateral e reafirmar que não pode haver mais lugar nos Estudos da Tradução para a presunção de se tratar o legado tradutório antigo como um bloco homogêneo.

VIEIRA, B. V. G. Translating in Ancient Rome: fragments of a renegade literature. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 1, p. 196-207, 2022.

Referências

BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. Trad. de Susana Kampff Lages. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução: Alemão-Português*. 2.ed., revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC / Núcleo de Tradução, 2010, vol. I. p. 201-31.

BERMAN, A. et al. *Les tours de Babel: Essais sur la traduction*. Mauvezin: Trans-Europ- Repress, 1985.

¹⁶ Furlan (2010) tece mais uma importante contribuição à História da Tradução, ele que figurou como coordenador daquela coleção Clássicos de Teoria da Tradução da UFSC. Nesse escrito chama a atenção ao caráter retórico que essa prática tinha em Roma e cita preciosos intertextos de Quintiliano, Plínio e Sêneca às ponderações ciceronianas sobre o tema da tradução. Discordo da postura que Furlan toma sobre Horácio nesse artigo, pois entendo que a própria recepção de Horácio como preceptor no campo da tradução, e isso pode ser remontado com segurança desde Jerônimo, autorizaria uma leitura de *fidus interpres* em seara tradutória.

¹⁷ Rostagni afirma "aos poetas cíclicos reprovavam também a repetição, voluntária e contínua das sentenças homéricas [...]. Horácio, a seu turno, pensava na condição da literatura romana, sobretudo a arcaica, que também era tradução, não simples imitação, dos modelos gregos" (ORAZIO, 1930, p. 42).

BORGES, J. J. *Marquesa de Alorna, tradutora de Horácio: estudo e comentário da Arte poética*. Tese (Doutorado em Letras). Araraquara: UNESP, 2017.

MESCHONNIC, H. Au commencement (en collaboration avec Régine Blaig). In: BERMAN, A. et al. *Les tours de Babel: Essais sur la traduction*. Mauvezin: Trans-Europ-Repress, 1985. p. 9-13.

BETTINI, M. *Vertere: un'antropologia della traduzione nella cultura antica*. Torino: Einaudi, 2012.

BORGES, J. L. *Las dos maneras de traducir*. In: CARRIL, Sara Luisa del (Ed.). *Textos recobrados*. Buenos Aires: EMECE, 2007, p. 313-317.

BORGES, J. L. *Las versiones homéricas*. In: CARRIL, Sara Luisa del. *Obras completas 1*. Buenos Aires: EMECE, 2005. p. 252-256.

CÍCERO. *De optimo genere oratorum / Sobre o melhor gênero de oradores*. Intr. e revis. de P. C. Zoppi, trad. B. V. G. Vieira. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, nº 10, p. 4-15, 2011.

CICERÓN. *L'orateur*. Du meilleur genre d'orateurs. Ed. e trad. Albert Yon. Paris: Les belles lettres, 1964.

CICERÓN. *Aratea. Fragments poétiques*. Ed. e trad. Par Jean Soubiran. Paris: Les belles lettres, 1972.

COURTNEY, E. *The fragmentary Latin poets*. New York: Oxford University Press, 2003.

FORCELLINI, A. *Lexicon totius latinitatis*. London: Baldwi & Cradock, Paternoster-Row; Gulielmi Pickering, Chancery-Lan, 1828.

FURLAN, M. A tradução em Roma. A suplantação do modelo. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, nº 6, 2010. p.79-88.

JERÓNIMO. *Cartas*. Edición bilingüe. Introd., versión y notas por D. R. Bueno. Madrid: Ed. Católica, 1962.

ELDER, J. P. A Mediaeval Cornutus on Persius. *Speculum*, Medieval Academy of America, vol. 22, nº. 2, p. 240-248, Apr., 1947.

PLESSIS, F. *De Italici Iliade Latina*. Paris, Hachette, 1885.

MORENO, F. *San Jerónimo: la espiritualidad del desierto*. 2.ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007.

POSSANZA, D. M. *Translating the Heavens: Aratus, Germanicus and the poetics of Latin translation*. New York: Peter Lang, 2004.

ORAZIO. *Arte poetica*. Intr. e coment. di A. Rostagni. Torino: Chiantore, 1930.

PRADO, J. B. T. *Canto e encanto, o charme da poesia latina: contribuição para uma poética da expressividade em língua latina*. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: USP, 1997.

PHI 5.3. LATIN TEXTS AND BIBLE VERSIONS. The Packard Humanities Institute, 1991. CD-ROM

STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras: ou anagramas de Ferdinand de Saussure*. Trad. C. Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1974.

VALÉRY, P. Variações sobre as Bucólicas. Trad. de Raimundo Carvalho. *Suplemento literário*, Belo Horizonte, p. 17-24, mai. 1999.

VIEIRA, B. V. G.; OLIVEIRA, J. K. Alguns apontamentos sobre Cícero tradutor de poesia. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, v. 1, p. 133-140, 2011.

VIEIRA, B. V. G. Cícero e seu projeto tradutório. *Calíope*, Rio de Janeiro, nº 15, p. 23-35, 2006.

VIEIRA, B. V. G. O que querem (e o que podem) os jovens tradutores de Latim. *Rónai. Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, Juiz de Fora, v. 4, p. 4-10, 2016.